

## SEÇÃO IV

# Inflação

## Sumário

**Maria Andreia Parente Lameiras**  
Técnica de Planejamento e Pesquisa da  
Diretoria de Estudos e Políticas  
Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

[maria-andreia.lameiras@ipea.gov.br](mailto:maria-andreia.lameiras@ipea.gov.br)

Os principais índices de preços mostram que a inflação brasileira apresentou uma trajetória de aceleração acima das expectativas nos últimos meses, apesar do contexto de baixo dinamismo econômico. De acordo com o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), a inflação acumulou taxa de 4,9% nos últimos doze meses encerrados em abril, impactada, sobretudo, por um aumento mais forte que o esperado nos preços dos alimentos.

Essa alta do grupo alimentação vem gerando uma aceleração ainda mais intensa do custo de vida para as camadas mais pobres. No primeiro quadrimestre de 2019, enquanto a faixa de renda mais baixa apresenta uma taxa de inflação acumulada de 2,31%, a de renda mais alta registra variação de 2,06%. De modo similar, as curvas de inflação em doze meses também mostram um aumento da inflação dos mais pobres (5,3%) em ritmo superior ao registrado pelo segmento mais rico (4,7%).

Apesar dessa aceleração recente, com impactos, inclusive, nos indicadores de núcleo e de difusão, não há indícios de descontrole inflacionário. A tendência para os próximos meses é de queda na inflação acumulada em doze meses, possibilitada pela desaceleração dos preços administrados e dos alimentos, além do efeito estatístico decorrente do fim do impacto da taxa de 1,26% registrada em junho de 2018 sobre esta variação acumulada.

Diante deste contexto, as projeções feitas pelo Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea foram revisadas e indicam que a inflação medida pelo IPCA deve encerrar 2019 em 4,08%, um pouco maior que a estimada na Carta de Conjuntura no 42 (3,85%), de março deste ano, mas ainda abaixo da meta (4,25%). Na comparação com a estimativa anterior, o novo cenário projetado prevê uma piora na inflação de alimentos e monitorados, cujos efeitos sobre o IPCA serão, em parte, atenuados por um desempenho mais favorável dos bens e serviços. No caso dos alimentos, o aumento já verificado no primeiro quadrimestre do ano e uma taxa de câmbio mais alta<sup>1</sup> elevaram a projeção de inflação deste segmento de 5,4% para 7,0%. Assim como ocorre com os alimentos, o comportamento do câmbio, aliado a uma revisão para cima no preço do barril de petróleo,<sup>2</sup> alterou a projeção de preços monitorados de 4,9% para 5,5%, mesmo em um cenário com reajustes menores das tarifas de energia elétrica. Por sua vez, a piora recente da atividade econômica reduziu as nossas projeções para a inflação de bens livres, exceto alimentos, de 1,7% para 1,2%, e para o setor de serviços, excluindo educação, de 3,7% para 3,5%.

1 A projeção da taxa de câmbio, fim de período, para 2019 passou de R\$/US\$ 3,70 para R\$/US\$ 3,91.

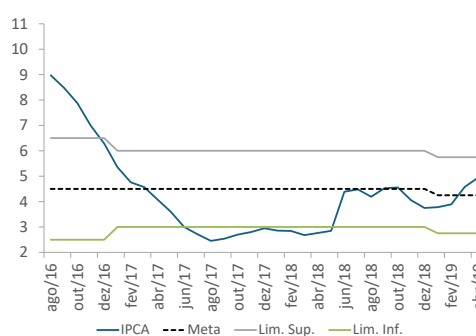
2 A nova projeção, retirada da Bloomberg, do barril de petróleo é de US\$ 72,00.

Por fim, destaca-se que, embora no curto prazo a inflação brasileira esteja em patamar confortável, o balanço de riscos para o médio e longo prazo sugere alguma cautela. Apesar de um crescimento econômico baixo, a inflação deverá seguir próxima a 4,0%, ao ano (a.a.).

## 1 Índices de preços: núcleos e difusão

Ao longo dos últimos meses, a inflação brasileira medida pelo IPCA vem surpreendendo negativamente ao apresentar uma trajetória de aceleração acima do esperado. Em que pese a significativa contribuição dos preços administrados, a alta dos alimentos em ritmo superior ao projetado pode ser apontada como o principal foco de pressão adicional sobre a inflação. Em abril de 2019, o IPCA apontou variação de 0,57%, bem acima do observado no mesmo período do ano anterior (0,22%), deslocando a curva de inflação acumulada em doze meses para 4,9% (gráfico 1). Nota-se, entretanto, que, mesmo diante deste cenário menos favorável, não há indícios de descontrole inflacionário. A tendência para os próximos meses é de queda para a inflação em doze meses, possibilitada não apenas por uma desaceleração dos preços administrados e dos alimentos, mas também por conta do efeito estatístico vindo do expurgo da taxa de variação de 1,26% registrada em junho de 2018.

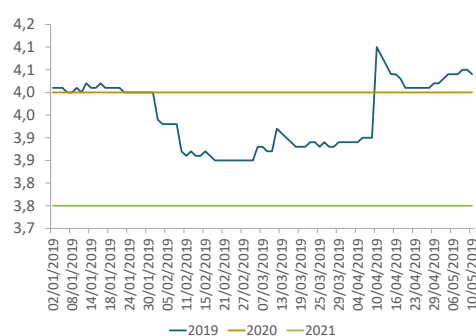
GRÁFICO 1  
**IPCA – Índice total**  
 (Variação acumulada em doze meses, em %)



Fontes: IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Dentro deste contexto e embora tendo se elevado nos últimos meses, as expectativas de mercado para a inflação em 2019 permanecem em torno de 4%, abaixo da meta (gráfico 2). Nessa mesma linha, as projeções de inflação do Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea também indicam uma alta no resultado do IPCA para o ano, devendo encerrar 2019 em 4,08% – acima do projetado na edição anterior da Carta de Conjuntura (3,85%).

GRÁFICO 2  
**IPCA – Expectativas de inflação**  
 (Variação acumulada no ano, em %)



Fonte: Relatório Focus/BCB.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

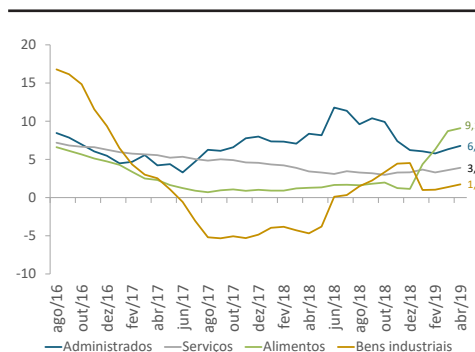
Na desagregação do IPCA, observa-se que nos últimos doze meses, encerrados em abril, as principais contribuições à inflação vieram dos preços administrados e dos alimentos. No primeiro caso, a alta de 6,8% gerou um impacto de 1,75 ponto percentual (p.p.), correspondendo a 35% de toda a variação do índice no período. Já o aumento de 9,1% dos alimentos

contribuiu com 1,47 p.p., ou seja, 30% do IPCA. Em relação aos serviços e aos demais bens livres, observa-se que, mesmo diante de uma leve aceleração na margem, estes dois subgrupos mantêm uma trajetória bem-comportada, com variação em doze meses abaixo do centro da meta.

Esse aumento no ritmo de crescimento dos preços, ao longo de 2019, vem desencadeando uma aceleração tanto do índice de difusão quanto das medidas de núcleo da inflação. Em relação ao indicador de difusão, que mede a proporção de itens dentro do IPCA, com variação positiva no período, observa-se que a partir de fevereiro, a média móvel trimestral voltou a registrar níveis superiores a 60%, algo que não acontecia desde janeiro de 2017. Deve-se ressaltar que, mesmo com a exclusão dos alimentos do cálculo, há uma piora no desempenho deste indicador nos últimos meses, sinalizando que, apesar de impactar significativamente o IPCA total, a alta dos alimentos não pode ser apontada como o único fator da aceleração da inflação (gráfico 4).

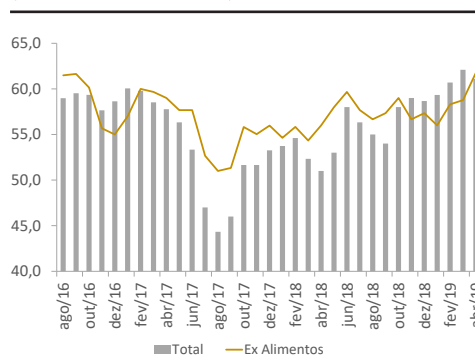
Dentro desta mesma perspectiva, as principais medidas de núcleo da inflação também apontam uma trajetória ascendente. De acordo com o gráfico 5, nota-se que, no último trimestre, tanto o núcleo por médias aparadas suavizadas quanto o por dupla ponderação voltaram a registrar variações em doze meses próximas a 4,0% – acima, portanto, do observado ao longo de 2018. De forma similar, ainda que em patamar inferior, o núcleo por exclusão, que retira do cálculo os dois maiores focos de pressão inflacionária recente (alimentos e monitorados), também apresenta aceleração, tendo em vista que a sua taxa de variação acumulada em doze meses acelerou de 2,5% em dezembro para 3,0% em abril.

GRÁFICO 3  
IPCA - Categorias  
(Variação acumulada em doze meses, em %)



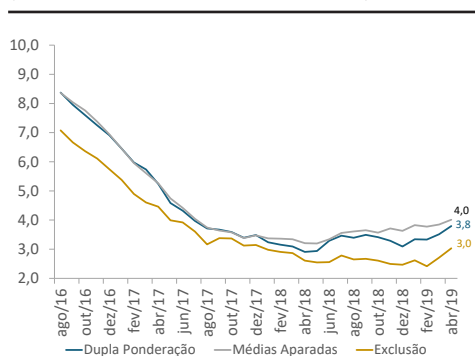
Fontes: IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 4  
Indicador de difusão do IPCA  
(Médias móveis trimestrais)



Fontes: IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 5  
IPCA: medidas de núcleo de inflação  
(Variação acumulada em doze meses, em %)

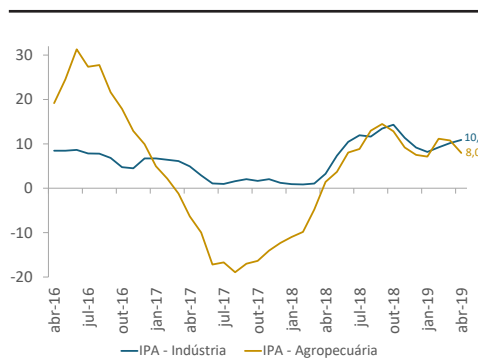


Fonte: BCB.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.



Em que pese a recente aceleração no ritmo de crescimento dos preços ao consumidor, deve-se pontuar que esta ainda ocorre em magnitude inferior à observada no atacado. Segundo o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA), calculado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), a inflação nos últimos doze meses, encerrados em abril, apresenta alta de 10,1%, bem acima dos 2,8% registrados neste mesmo período em 2018. Na abertura por produtos, verifica-se que houve uma piora no desempenho tanto dos preços agrícolas quanto dos industriais (gráfico 6). Nota-se, entretanto, que, no último trimestre, embora os dois grupos ainda apresentem taxas de inflação significativamente elevadas, há uma diferença de trajetórias, marcada pela desaceleração dos preços agrícolas e pelo aumento mais forte dos preços industriais.

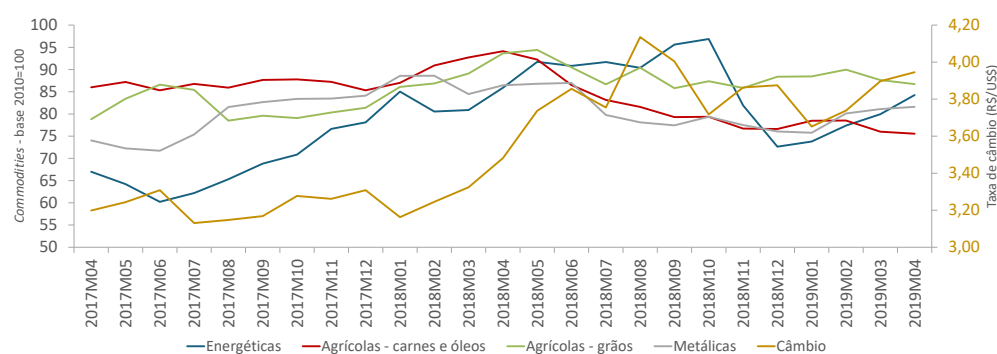
GRÁFICO 6  
Índice de preços ao produtor amplo  
(Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: FGV.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Essa alta mais acentuada dos preços industriais ao produtor é decorrente de um movimento conjunto que congrega o aumento das cotações internacionais das *commodities* energéticas e metálicas e a recente desvalorização cambial (gráfico 7). Destaca-se ainda que esta piora na trajetória do câmbio acaba por anular parte do efeito de descompressão sobre a inflação agrícola doméstica, possibilitada pela queda dos preços dos grãos e das carnes no mercado internacional.

GRÁFICO 7  
Commodities e câmbio



Fonte: Banco Mundial e Banco Central do Brasil (BCB).  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 2 Inflação de alimentos

Após iniciar o ano com uma inflação acumulada em doze meses de 4,4%, os alimentos iniciaram um movimento de forte alta, de modo que em abril este percentual já era de 9,1%. Na desagregação por subgrupos, identifica-se que,

embora tenha ocorrido uma piora em praticamente todos os segmentos, os aumentos mais expressivos foram dos cereais, dos produtos *in natura* (frutas, legumes e verduras) e das aves e ovos (tabela 1). Nos dois primeiros grupos, as maiores influências positivas vieram do feijão, da batata e do tomate, cuja produção foi prejudicada por um volume de chuvas acima do esperado. No caso das aves e ovos, a leve recuperação da demanda externa e uma queda no abate, no primeiro trimestre, explicam estes reajustes observados.

TABELA 1

**IPCA: alimentação no domicílio por subgrupos**

(Variação acumulada em doze meses, em %)

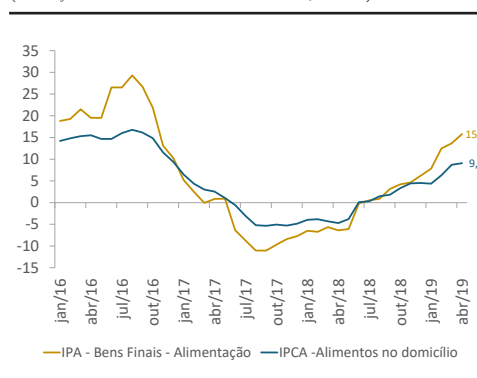
	abr/18	jan/19	fev/19	mar/19	abr/19
Alimentação no domicílio	-4,7	4,4	6,3	8,7	9,1
Cereais, leguminosas e oleaginosas	-17,6	9,1	24,5	33,2	29,8
Farinhas, féculas e massas	-7,0	3,6	2,8	5,0	5,6
Tubérculos, raízes e legumes	0,3	10,8	18,6	44,2	57,1
Açúcares e derivados	-14,8	-2,0	0,0	1,4	0,9
Hortaliças e verduras	1,9	8,8	20,9	27,3	20,4
Frutas	-5,4	15,6	18,6	17,4	13,2
Carnes	-3,0	2,6	2,4	4,3	5,1
Pescados	-1,5	2,4	2,0	1,3	3,6
Carnes e peixes industrializados	-3,4	0,9	1,3	3,5	5,1
Aves e ovos	-7,7	3,9	5,3	8,6	12,8
Leite e derivados	-5,0	7,4	8,3	7,7	5,3
Panificados	0,2	4,1	4,5	5,0	5,3
Óleos e gorduras	-8,3	2,1	2,5	5,0	5,3
Bebidas e infusões	0,3	0,1	0,7	0,4	0,7
Enlatados e conservas	3,1	3,9	4,1	4,3	2,9
Sal e condimentos	-7,7	0,6	2,2	3,5	4,1

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Embora alta, a inflação de alimentos ao consumidor, medida pelo IPCA, encontra-se em patamar inferior ao observado no âmbito do produtor (gráfico 8). Segundo dados do IPA, nos últimos doze meses até abril, os alimentos no atacado registram aumento de 15,8%, sinalizando, provavelmente, que, diante de uma demanda interna ainda fraca, parte dos reajustes dos alimentos não está sendo repassada aos consumidores finais.

GRÁFICO 8

**Inflação de alimentos – IPCA versus IPA**  
 (Variação acumulada em doze meses, em %)


Fonte: IBGE e FGV.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

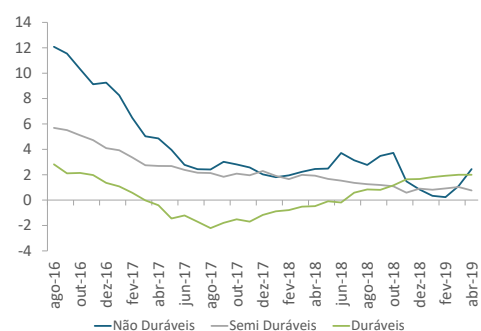
Como consequência desta piora no desempenho dos alimentos nos primeiros meses do ano, a nossa previsão de inflação para a alimentação no domicílio em 2019 foi revisada para cima, passando de 5,4% para 7,0%. Em que pese o novo aumento nas estimativas para produção de cereais, leguminosas e oleaginosas feitas pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) – que indicam uma expansão da safra de grãos de 2,2% em 2019 –, aquilo que já está contratado no ano, aliado a um comportamento mais desfavorável do câmbio, explica este aumento na previsão.

### 3 Inflação de bens e serviços



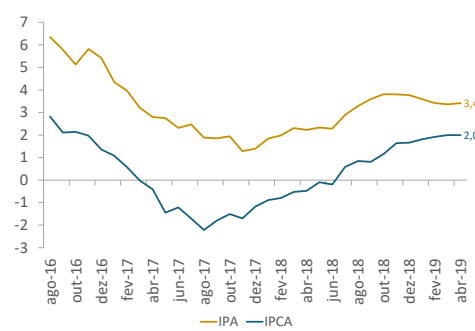
A despeito desta apreciação da taxa de câmbio, os dados mostram que a inflação dos bens livres da economia, exceto alimentos, continua apresentando uma trajetória bastante favorável. Na abertura deste grupo, observa-se que, mesmo diante de alguma aceleração no segmento de não duráveis, as taxas de variação acumuladas em doze meses desses conjuntos de itens mantêm-se abaixo de 2,5%, com destaque para os semiduráveis, com alta de apenas 0,76% (gráfico 9). Este comportamento mais benevolente dos bens de consumo reflete, em grande parte, a lenta retomada da demanda doméstica, ainda contida pelo desempenho ruim do mercado de trabalho. De fato, nos últimos doze meses até abril, os itens de vestuário registram alta de apenas 0,16%, enquanto os produtos de higiene pessoal apontam deflação de 0,28%. No caso dos bens de consumo duráveis, nota-se que a inflação ao consumidor de 2,0% no período não só se mostra em patamar reduzido, como também vem se mantendo sistematicamente abaixo da observada no atacado (gráfico 10).

GRÁFICO 9  
IPCA – Bens de Consumo industriais  
(Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 10  
IPCA x IPA – Bens de Consumo industriais  
(Variação acumulada em doze meses, em %)

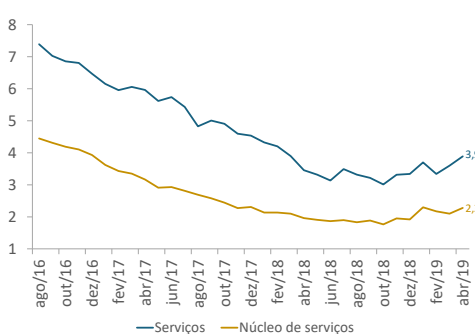


Fonte: IBGE e FGV.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

As surpresas negativas no que se refere ao nível de atividade econômica em 2019 resultaram em uma revisão para baixo da nossa previsão de inflação de bens livres, exceto alimentos, que foi reduzida de 1,7% (previsão feita em março deste ano) para 1,2%.

Em relação aos serviços livres, os dados mostram que nos últimos meses vem ocorrendo uma aceleração nas taxas de inflação em doze meses deste grupo, cuja alta de 3,9% observada em abril (gráfico 11) reflete os aumentos da refeição fora do domicílio e dos serviços de transporte. Na tabela 2, nota-se que

GRÁFICO 11  
Inflação de Serviços  
(Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: IBGE e BCB.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

na comparação entre 2018 e 2019, a inflação dos serviços de alimentação passou de 2,7% para 4,2%, repercutindo a alta de preços do seu maior insumo: os alimentos. Já a expressiva aceleração dos transportes no período foi decorrente da trajetória das passagens aéreas, cuja deflação de 4,5% observada em abril do ano passado ficou bem abaixo dos 35% de alta apontada neste mesmo período em 2019.

TABELA 2

**IPCA de serviços livres por subgrupos**  
(Variação acumulada em doze meses, em %)

	Total	Serviços de Alimentação	Serviços Residenciais	Serviços de Transportes	Serviços Médicos	Serviços pessoais e de recreação	Serviços de Educação	Serviços de Comunicação
abr/18	3,5	2,7	3,2	1,9	4,8	4,2	5,5	1,8
mai/18	3,2	2,4	2,6	1,4	4,8	4,2	5,5	1,8
jun/18	3,1	2,8	2,4	0,4	4,4	4,1	5,5	1,6
jul/18	3,5	3,4	2,3	3,9	4,1	4,0	5,5	1,6
ago/18	3,3	3,3	2,4	1,2	3,8	3,9	5,6	2,5
set/18	3,2	3,5	2,5	1,0	3,6	3,7	5,4	1,8
out/18	3,0	3,3	2,3	-0,1	3,7	3,7	5,4	1,1
nov/18	3,3	3,6	2,7	2,2	3,9	3,7	5,4	0,6
dez/18	3,3	3,2	2,8	4,2	4,0	3,4	5,4	0,6
jan/19	3,7	3,9	2,7	5,0	4,4	4,0	5,5	0,5
fev/19	3,3	3,7	2,6	1,9	4,6	4,0	4,9	0,3
mar/19	3,6	3,3	2,7	5,8	4,7	4,2	4,9	0,3
abr/19	3,9	4,2	3,0	6,1	4,5	4,1	5,0	0,3

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Já a análise do núcleo da inflação dos serviços (cuja metodologia desenvolvida pelo BCB exclui a influência de três conjuntos de itens – passagens aéreas, hotel e excursão; empregado doméstico e mão de obra na residência; e cursos regulares e diversos, internet, telefone e TV a cabo)<sup>3</sup> mostra um desempenho bem mais favorável deste setor, com variação acumulada em doze meses de 2,3%. Assim como ocorreu com os bens livres, a perspectiva de um crescimento mais baixo para a economia em 2019 gerou uma queda na projeção da inflação dos serviços. No caso dos serviços de educação, a projeção de 4,6%, realizada em março, recuou levemente para 4,5%, enquanto a dos demais serviços livres caiu de 3,7% para 3,5%.

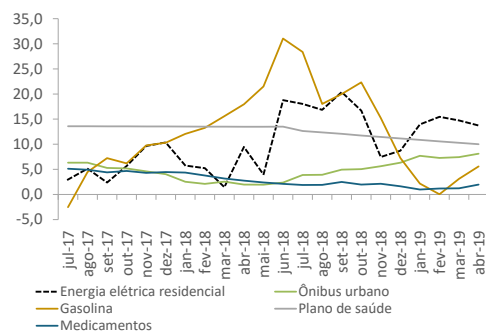
## 4 Inflação de preços administrados

Assim como os alimentos, os preços administrados podem ser considerados os principais fatores de pressão sobre a inflação nos últimos meses. Após iniciar o ano com uma taxa de variação acumulada em doze meses de 6,1%, este grupo de itens voltou a acelerar no último bimestre, chegando a 6,8% em abril. Na decomposição entre os principais componentes deste segmento, observa-se que, embora apresentem leve desaceleração na margem, os itens energia elétrica e plano de saúde não apenas registram a maior variação acumulada em doze meses (gráfico 12), como também se constituem nos principais fatores de contribuição para a alta total dos preços administrados, tendo em vista que, juntos, estes dois itens respondem por mais de 56% de toda a variação deste segmento em 2019 (gráfico

<sup>3</sup> No primeiro caso, o expurgo procura eliminar o impacto das competições esportivas realizadas em 2014 e 2015, enquanto no segundo caso tenta-se dissipar os efeitos da mudança da métrica utilizada pelo IBGE, em que o comportamento passa a refletir apenas os reajustes do salário mínimo, e não mais as mudanças do ciclo econômico. Por fim, a exclusão do último grupo é decorrente da forma de recomposição desses preços, que ocorre de maneira pontual ao longo do ano.

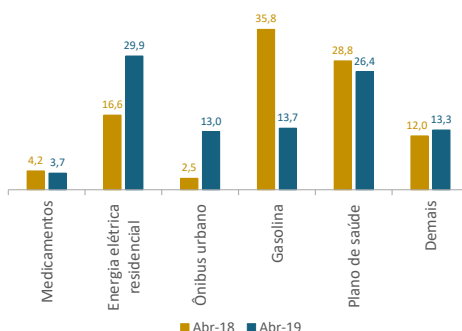
13). Por sua vez, registra-se que, enquanto os reajustes nas passagens de ônibus urbano impactam proporcionalmente mais os preços administrados em 2019, a gasolina mostra resultado inverso. Por certo, mesmo com a aceleração dos últimos meses, a alta da gasolina foi responsável por 13,7% da variação total dos preços administrados este ano, bem abaixo da contribuição dada em 2018 (35,8%).

GRÁFICO 12  
Preços Administrados – Itens selecionado – taxa de variação acumulada em 12 meses (Em %)



Fonte: IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 13  
Preços Administrados – Itens selecionado - Contribuição para a variação total em doze meses (Em %)



Fonte e Elaboração: Grupo de conjuntura da Dimac/Ipea.

Para o restante do ano, a expectativa é de desaceleração dos preços administrados, que devem encerrar o ano com variação de 5,45%, conforme previsão do Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea. Apesar desse recuo esperado para os próximos meses, houve um incremento da nossa projeção para os preços administrados em 2019, quando comparado ao projetado na Carta de Conjuntura de março (4,9%). Esta elevação na projeção é decorrente de um aumento da previsão para o preço do barril de petróleo, além de uma leve alta na taxa de câmbio. Deve-se ressaltar, entretanto, que parte desta piora no comportamento dos combustíveis foi atenuada por uma melhora nas previsões da trajetória de energia elétrica ao longo do ano, que devem apresentar reajustes e revisões tarifárias menores que as esperadas no início de 2019.

## 5 Inflação por faixa de renda

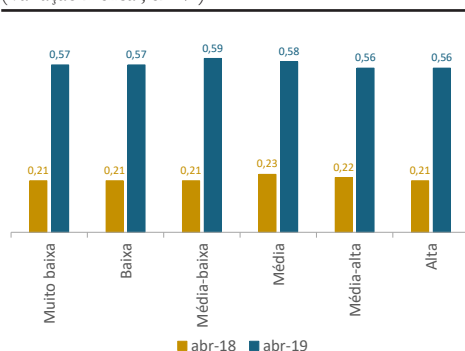
Em abril, o Indicador Ipea de Inflação por Faixa de Renda, calculado com base nas variações de preços de bens e serviços pesquisados pelo Sistema Nacional de Índice de Preços ao Consumidor (SNIPC) do IBGE, mostrou que todas as classes apresentaram uma inflação muito próxima da registrada pelo IPCA. Na desagregação dos dados, entretanto, observa-se que, embora similares em magnitude, as contribuições à inflação diferem entre as faixas de renda pesquisadas.

De acordo com a tabela 3, observa-se que, nas classes de renda mais baixas, o principal ponto de pressão inflacionária veio do comportamento do grupo saúde e cuidados especiais, refletindo o reajuste de 2,3% dos medicamentos. Em seguida, a alta dos preços dos alimentos – em especial dos tubérculos (11,2%) e



das aves e ovos (2,3%) – e das tarifas de ônibus urbano (0,74%) explica as contribuições dos grupos alimentos e transportes à inflação dos mais pobres. No caso das famílias de renda mais alta, o maior foco de pressão veio do grupo transportes, repercutindo o aumento de 2,7% da gasolina. Nota-se ainda que a elevação dos preços dos alimentos e dos medicamentos também impactou a inflação das faixas mais ricas, porém em intensidade mais moderada, tendo em vista o menor peso destes itens na cesta de consumo desta parte da população. Na comparação com abril de 2018, verifica-se que todas as classes de renda registraram uma aceleração no ritmo de crescimento dos preços (gráfico 14). De fato, à exceção dos grupos artigos de residência e vestuário, todos os demais apresentaram em 2019 um comportamento mais desfavorável, com destaque negativo para os grupos alimentação, transportes e saúde, cujas respectivas altas de 0,63%, 0,94% e 1,51%, medidas pelo IPCA, em abril último, situaram-se bem acima das obtidas neste mesmo mês do ano anterior – 0,09%, 0% e 0,91%.

GRÁFICO 14  
Inflação por Faixa de Renda  
(Variação mensal, em %)



Fonte e Elaboração: Grupo de conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 3  
Inflação por faixa de renda -Abril/2019  
(Contribuições por Grupos)

	IPCA	Renda muito baixa	Renda baixa	Renda média-baixa	Renda média	Renda média-alta	Renda alta
	Variação (%)	Impacto em (p. p.)					
<b>Inflação Total</b>	<b>0,57</b>	<b>0,57</b>	<b>0,57</b>	<b>0,59</b>	<b>0,58</b>	<b>0,56</b>	<b>0,56</b>
Alimentação	0,63	0,17	0,15	0,15	0,14	0,12	0,11
Habituação	0,24	0,04	0,04	0,03	0,03	0,03	0,03
Artigos de residência	-0,24	-0,01	-0,01	-0,01	-0,02	-0,01	-0,01
Vestuário	0,18	0,01	0,02	0,01	0,01	0,01	0,02
Transportes	0,94	0,13	0,15	0,18	0,20	0,22	0,23
Saúde e Cuidados pessoais	1,51	0,23	0,21	0,22	0,21	0,18	0,16
Despesas pessoais	0,17	0,00	0,01	0,01	0,01	0,01	0,02
Educação	0,09	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Comunicação	0,03	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Fonte e Elaboração: Grupo de conjuntura da Dimac/Ipea.

Com a incorporação deste resultado de abril, no acumulado do ano, a forte alta dos alimentos vem gerando uma aceleração mais intensa do custo de vida para as camadas mais pobres (tabela 4). No primeiro quadrimestre de 2019, enquanto a faixa de renda mais baixa apresenta uma taxa de inflação acumulada de 2,31%, a classe de renda mais alta registra variação de 2,06%. De modo similar, as curvas de inflação em doze meses (gráfico 15) também mostram um aumento da inflação dos mais pobres (5,3%) em ritmo superior ao registrado pelo segmento mais rico (4,7%).



TABELA 4

**Inflação por faixa de renda**

(Variação mensal e acumulada, em %)

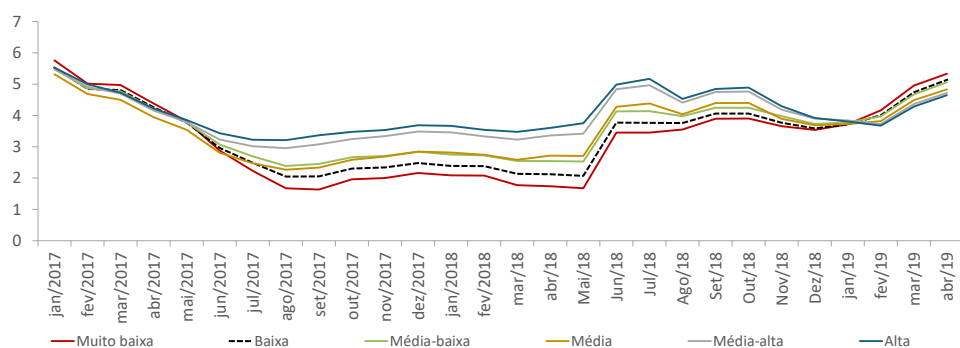
Faixa de renda	Abr-18	Mar-19	Abr-19	Acumulado no ano	Acumulado em doze meses
Muito baixa	0,21	0,80	0,57	2,31	5,33
Baixa	0,21	0,77	0,57	2,18	5,13
Média-baixa	0,21	0,76	0,59	2,10	5,06
Média	0,23	0,73	0,58	2,01	4,83
Média-alta	0,22	0,72	0,56	2,00	4,72
Alta	0,21	0,70	0,56	2,06	4,65

Fonte e Elaboração: Grupo de conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 15

**Inflação por Faixa de Renda**

(Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte e Elaboração: Grupo de conjuntura da Dimac/Ipea.

## **Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)**

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor  
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos – Diretor Adjunto



## **Grupo de Conjuntura**

### **Equipe Técnica:**

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos  
Leonardo Mello de Carvalho  
Marcelo Nonnenberg  
Maria Andréia Parente Lameiras  
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa  
Paulo Mansur Levy  
Sandro Sacchet de Carvalho

### **Equipe de Assistentes:**

Adriana Cabrera Baca  
Ana Cecília Kreter  
Augusto Lopes dos Santos Borges  
Felipe dos Santos Martins  
Janine Pessanha de Carvalho  
Leonardo Simão Lago Alvite  
Matheus Souza Peçanha  
Pedro Mendes Garcia

---

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.